

Formação Continuada de Professores Xavante: uma experiência de produção de material didático-pedagógico

Adailton Alves da Silva¹

Unemat / Fapemat

BRASIL

adailtonalves5@uol.com.br

Lucimar Luisa Ferreira²

Unicamp

BRASIL

lucimarluisa@uol.com.br

RESUMO

Neste trabalho apresentamos os resultados parciais do projeto de pesquisa “A Educação Escolar do Povo Xavante da Terra Indígena Pimentel Barbosa: investigação e registro de um processo”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso - FAPEMT (2009 a 2011). O objetivo do projeto é investigar o processo de ensino-aprendizagem das comunidades pertencentes à Terra Indígena Pimentel Barbosa (Ribeirão Cascalheira e Canarana-MT), levantando elementos específicos da educação escolar que não são considerados nos registros convencionais das instituições de ensino. Como resultado parcial da pesquisa, apresentamos uma experiência de organização de dois livros desenvolvida com professores indígenas Xavante, em oficinas de formação contínua realizada no âmbito do projeto. Na execução dessas oficinas, várias áreas do conhecimento foram abordadas de forma interdisciplinar (linguagem, ciências sociais, ciências da natureza e etnomatemática), proporcionando uma reflexão aos professores sobre a relação entre teoria e prática.

Palavras chave: Povo Xavante, Educação, Educação Escolar Xavante, Formação Continuada, Material Didático-pedagógico.

Introdução

O contato oficial do povo Xavante com a sociedade envolvente, especificamente do povo pertencente à Terra Indígena Pimentel Barbosa, já passa de seis décadas e a educação escolar tem sido desenvolvida em quase todo esse período. Sendo assim, é inegável que muitos aspectos culturais, hábitos e costumes tenham sido modificados, mas a luta pela manutenção daquilo que é próprio do povo é constante.

As lideranças, compreendendo que a escola poderia ser positiva ou negativa dependendo da forma que fosse conduzida, nunca deixaram de tomar a frente das discussões relacionadas à educação escolar.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática – UNESP de Rio Claro-SP e membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Etnomatemática (UNESP – Rio Claro-SP).

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação – IEL/UNICAMP.

Os Xavante entendiam e continuam entendendo que a escola deve ser um veículo de discussões para a comunidade no que diz respeito à manutenção e vitalização da cultura. Para isso, sempre lutaram em prol de uma escola que partiria das suas formas tradicionais de educação. Nesse sentido, a comunidade entende que a escola tem um papel fundamental no futuro físico e cultural do povo e por isso a valoriza, esperando construir uma proposta educacional que promova a construção e a reelaboração de conhecimentos tradicionais no seu fazer pedagógico.

O Povo Xavante

Atualmente os Xavante habitam nove Terras Indígenas em diversos municípios do Estado de Mato Grosso: Areões (I e II) - Nova Nazaré; Chão Preto - Campinápolis; *Maraiwatsede* - São Félix do Araguaia, Bom Jesus do Araguaia e Alto da Boa Vista; Marechal Rondon – Paranatinga; Parabubure – Nova Xavantina e Campinápolis; Pimentel Barbosa – Ribeirão Cascalheira e Canarana; Sangradouro/Volta Grande – Poxoréu, Novo São Joaquim e General Carneiro; São Marcos – Barra do Garças; e *Ubawawe* – Santo Antônio do Leste). Ao todo, somam aproximadamente 15.315 pessoas (FUNASA, 2010 *apud* ISA, 2011).

O presente artigo se refere especificamente ao povo *A'uwẽ*/Xavante pertence à Terra Indígena Pimentel Barbosa (área de 329 mil hectares), localizada nos municípios de Canarana-MT e Ribeirão Cascalheira-MT, com uma população de aproximadamente 1540 pessoas.

A Educação Escolar Xavante

Partindo da premissa de que cada grupo elabora seus saberes e conhecimentos a partir das suas necessidades, é possível afirmar que diferentes grupos elaboram técnicas, táticas, estratégias, etc., (CERTEAU, 1994) de acordo com as suas necessidades. Uns desenvolvem ferramentas semelhantes para resolverem problemas semelhantes; assim como também, há grupos que elaboram ferramentas semelhantes para problemas diferentes; outros elaboram ferramentas diferentes para problemas semelhantes; há ainda aqueles que elaboraram ferramentas diferentes para problemas diferentes, mesmo ocupando o mesmo *habitat*. Nesse sentido a Educação Escolar pode ser vista nessa perspectiva e daí a importância de se investigar os diferentes processos educacionais de grupos socialmente distintos.

Preocupados com a perda do conhecimento tradicional e as dificuldades de passar tais conhecimentos às novas gerações também de maneira tradicional, as lideranças Xavante sempre perceberam que era necessário construir, na própria comunidade, uma escola que pudesse contemplar os seus anseios. Nesse processo de busca de equilíbrio entre o que é próprio da cultura e o que vem de fora, a educação escolar no contexto do povo Xavante da Terra Indígena Pimentel Barbosa já teve apoio de vários segmentos da sociedade.

Nos últimos quinze anos, o povo Xavante já teve o apoio de várias instituições, o que lhes proporcionou experimentar de várias concepções de educação. Nesse período já contou com a parceria e o apoio da Prefeitura Municipal de Canarana-MT, da FUNAI³, da SEDUC-MT⁴, da UNICEF⁵, do MEC⁶, da UNEMAT⁷, etc. Todas essas experiências contribuíram com a

³ FUNAI - Fundação Nacional do Índio.

⁴ SEDUC-MT - Secretaria de Estado de Educação e Cultura de Mato Grosso.

⁵ UNICEF - United Nations Children's Fund (Fundo das Nações Unidas para a Infância).

⁶ MEC - Ministério da Educação e Cultura.

comunidade no sentido de compreender que, apesar das dificuldades, é possível e necessário construir a sua escola, com propostas próprias e embasada nos saberes ancestrais. Saberes estes que foram, e são, responsáveis por todo o processo de reversão das ameaças de degradação cultural e ecológica.

Sendo assim, a produção de materiais didático-pedagógicos que registram e organizam de forma escrita e bilíngüe o saber dos anciãos é fundamentalmente necessária para garantir a construção da escola Xavante que atenda os interesses da comunidade.

Formação dos professores e a produção de material didático - pedagógico

A escola indígena específica, diferenciada e bilíngüe é uma garantia da Constituição Federal de 1988 que precisa ser construída pelos próprios povos indígenas, como nos alerta Gerson dos Santos - Professor Baniwa, AM (RCNEI, 1998).

Todo projeto escolar só será escola indígena se for pensado, planejado, construído e mantido pela vontade livre e consciente da comunidade. O papel do Estado e outras instituições de apoio devem ser de reconhecimento, incentivo e reforço para este projeto comunitário. Não se trata apenas de elaborar currículos, mas de permitir e oferecer condições necessárias para que a comunidade gere sua escola. Complemento do processo educativo próprio de cada comunidade, a escola deve se constituir a partir dos seus interesses e possibilitar sua participação em todos os momentos da definição da proposta curricular, do seu funcionamento, da escolha dos professores que vão lecionar; do projeto pedagógico que vai ser desenvolvido, enfim, da política educacional que será adotada. (SANTOS, 1998:25).

Nessa construção, a ação de diferentes segmentos (Governo Federal, Estadual, Municipal, comunidade em geral) tem um papel fundamental, no sentido de formar e capacitar os professores para conduzir o processo educacional dentro das suas comunidades.

Na atualidade, nas escolas da Terra Indígena Pimentel Barbosa, os professores, participam concomitantemente de um programa de formação (*Haiyô*)⁸ e de uma capacitação (formação continuada). A formação continuada é promovida pela Secretaria de Educação de Canarana – MT, em parceria com a Funai (Departamento de Educação de Brasília-DF e Água Boa-MT) e com o projeto de pesquisa “A Educação Escolar do Povo Xavante da Terra Indígena Pimentel Barbosa: investigação e registro de um processo”. Essa capacitação dos professores tem sido feita por meio de oficinas pedagógicas que abordam diferentes questões, sendo a produção de material didático-pedagógico uma delas.

A nossa experiência de produção de dois livros que se destinam ao trabalho dos professores indígenas nas escolas Xavante da Terra Indígena Pimentel Barbosa aconteceu em duas dessas oficinas.

O projeto de pesquisa

A produção de materiais didático-pedagógicos é uma das ações do projeto de pesquisa “A Educação Escolar do Povo Xavante da Terra Indígena Pimentel Barbosa: investigação e registro de um processo”, financiado pela FAPEMAT (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de

⁷ UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso.

⁸ O Projeto Haiyô é um curso de formação de professores índios em nível de magistério, executado pela SEDUC – Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Estado de Mato Grosso.

Mato Grosso), em execução no período de 08/2009 a 07/2011. Este projeto de pesquisa constitui-se numa investigação que propõe articular etnomatemática, linguagem, história e cultura num contexto específico de educação escolar. Como problemática central, buscamos estudar o processo de educação escolar do povo Xavante da Terra Indígena Pimentel Barbosa e compreender os principais aspectos culturais, sociais, históricos e políticos que influenciou/influenciam na geração, sistematização e difusão do conhecimento desse povo, bem como, identificar elementos que possam contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas no âmbito da formação de professores indígenas no Estado de Mato Grosso.

Nesse sentido, este projeto de pesquisa tem como finalidade investigar o processo de ensino-aprendizagem das comunidades Xavante, pertencentes à Terra Indígena Pimentel Barbosa, levantando elementos específicos da educação escolar que não são considerados nos registros convencionais das instituições de ensino e que são de grande importância na ampliação do conhecimento sobre a educação escolar indígena no Estado de Mato Grosso.

No que diz respeito ao processo de levantamento de dados, diferentes estratégias são utilizadas: entrevistas, pesquisa de arquivo, fotografias/filmagem, aplicação de questionários e oficinas pedagógicas. As oficinas, desenvolvidas através de atividades planejadas previamente com o objetivo de obter dados sobre a trajetória histórica das escolas das diferentes aldeias, procura oferecer formação continuada aos professores, assim como produzir materiais didático-pedagógicos específicos Xavante.

Na execução dessas oficinas pedagógicas, várias áreas do conhecimento são abordadas de forma interdisciplinar (linguagem, ciências sociais, ciências da natureza e etnomatemática), proporcionando uma reflexão aos professores sobre a relação entre teoria e prática.

A área da linguagem tem como embasamento teórico a concepção de língua como forma ou processo de interação e produção de sentidos. Nessa perspectiva, a concepção, a partir da qual o trabalho foi desenvolvido é a que considera o funcionamento lingüístico inserido no contexto social. Essa concepção de língua está ancorada nas teorias de gêneros do discurso bakhtiniano (Bakhtin e outros autores dessa linha - Joaquim Dolz, Bernard Schneuwly, Roxane Rojo e outros), em alguns fundamentos da lingüística textual (Koch, Marcuschi, Antunes e outros) e nos pressupostos das teorias da enunciação e do discurso (Guimarães, Pêcheux, Orlandi, Serrani e outros). O fundamental nesse trabalho é pensar a língua em suas dimensões de estrutura e funcionamento nas condições de produção específicas das oficinas realizadas na Terra Indígena Pimentel Barbosa.

No trabalho, buscamos nos apoiar também nos pressupostos da Etnomatemática e nos seus objetos de estudo – processo de geração, organização e difusão do conhecimento – para entender e compreender o conjunto de saberes e estratégias desenvolvidas pelo povo. Saberes que possibilitam “cada indivíduo do grupo a atingir seu potencial criativo, assim como estimular e facilitar o seu bem comum, com a finalidade de viver em sociedade e de exercer a cidadania” (D’AMBRÓSIO, 1999, p. 99).

Organização dos livros

A nossa experiência de produção dos livros “*Narrativas Xavante*” e “*Jeito de fazer Xavante*”, organizados a partir de materiais produzidos em oficinas pedagógicas de formação

continuada, foi realizada com professores xavante da Terra Indígena Pimentel Barbosa⁹, cumprindo a função de apoiar o povo na construção da educação escolar específica Xavante, como prevê a Resolução CEB N° 3, de 10 de novembro de 1999 (MEC, 1999)¹⁰.

Art. 3º Na organização de escola indígena deverá ser considerada a participação da comunidade, na definição do modelo de organização e gestão, bem como:

...
VI - o uso de materiais didático-pedagógicos produzidos de acordo com o contexto sociocultural de cada povo indígena.

Sendo assim, essa produção dos livros faz parte de uma das metas das oficinas, que era proporcionar capacitação aos professores Xavante, considerando e valorizando os seus conhecimentos tradicionais. A sistematização dos materiais produzidos nas oficinas em forma de



Figura 01 – Capa do Livro

livros foi feita a partir de uma abordagem reflexiva sobre diferentes temáticas. Nesse contexto, as temáticas dos livros foram escolhidas em função das várias atividades propostas, tendo em vista a interdisciplinaridade entre diferentes áreas do conhecimento, sendo foco principal linguagens e etnomatemática.

O livro *Narrativas Xavante* se constitui de narrativas tradicionais do povo contadas por anciãos, gravadas, transcritas e reelaboradas pelos professores.

Na oficina de elaboração do livro, o objetivo principal foi registrar e sistematizar, por escrito de forma bilíngüe, as histórias Xavante narradas pelos contadores de histórias da comunidade, em situação parecida à que acontece no cotidiano da aldeia. Pois,

na comunidade, os anciãos têm a função de repassar conhecimentos e contar as histórias. Partindo dessa perspectiva, na nossa experiência, o primeiro trabalho dos professores foi ouvir e registrar as narrativas.

Depois de uma discussão em sala, os professores em grupos fizeram as gravações, transcrições e elaborações dos textos em Xavante e em Português. Os grupos, após escolherem as histórias tradicionais que deveriam ser trabalhadas, fizeram contato com os velhos e marcaram as entrevistas. As entrevistas foram feitas no terreiro das casas dos próprios anciãos. Cada grupo entrevistou um velho que contou uma história para os professores, os quais transcreveram e elaboraram os textos escritos em Xavante e em Português. Durante a elaboração escrita dos textos, vários aspectos lingüísticos foram estudados, garantindo a aprendizagem de vários conteúdos de forma significativa. Na sequência, cada um dos grupos ilustrou suas histórias e para fechar o trabalho, fizeram uma socialização da produção final e uma avaliação coletiva do registro das histórias. Nessa avaliação, um ponto positivo levantado pelo grupo foi o fato dos professores trabalharem a partir das histórias contadas pelos próprios velhos que tradicionalmente são contadores de história na comunidade.

⁹ As oficinas realizadas foram proposta e executadas pela Secretaria de Educação e Cultura de Canarana – MT em parceria com a Funai – pólos de Canarana e Água Boa - MT.

¹⁰ CNE. Resolução CEB 3/99. Diário Oficial da União, Brasília, 17 de novembro de 1999. Seção 1, p. 19.

Depois do material produzido, a etapa seguinte foi a preparação final dos livros: a digitação dos textos e digitalização das ilustrações. Os textos em Xavante foram corrigidos e revisados por um grupo de professores que possuem domínio da Língua Xavante escrita. A ortografia da Língua Xavante utilizada foi a que o grupo Xavante dessa região usa.

O livro, *Jeito de Fazer Xavante*, é uma abordagem de como se realiza diferentes atividades na cultura Xavante: como se pesca, como se caça, como se faz roça, como se faz diferentes peças



Figura 02 – Capa do Livro

de artesanatos e utensílios. Na oficina de produção deste livro primeiramente os professores leram e discutiram em sala de aula textos relacionados a experiências desenvolvidas por outros povos indígenas, como por exemplo, dos povos do Amazonas. Após esse primeiro momento, se dividiram em grupos para discutirem, refletirem e decidirem quais as temáticas relacionadas à cultura Xavante poderia compor esse livro. As ilustrações foram também elaboradas para completar o trabalho.

A socialização das atividades foi feita em forma de plenária, na qual os outros professores da turma davam suas contribuições para o grupo expositor, já que cada uma das temáticas apresentadas era uma versão/interpretação daquele grupo.

Nesse caso, a turma achou necessário que os demais professores, principalmente os mais velhos, fizessem uma avaliação/contribuição, pois o registro do conhecimento Xavante se faz por meio de uma construção coletiva. Essa é uma característica do processo pedagógico Xavante, em que toda e qualquer atividade de aprendizagem é acompanhada por um ancião ou uma pessoa mais velha.

Considerações finais

A formação continuada e a produção de materiais didático-pedagógicos fazem parte de um conjunto de elementos básicos para a organização, a estruturação e o funcionamento da escola indígena. Nesse sentido, a produção de material não pode ser considerada independente da formação continuada e também de outros elementos do processo. Além disso, não pode ser pensada sem a participação direta dos interessados, no nosso caso específico, o povo Xavante da Terra Indígena de Pimentel Barbosa.

Nesse sentido, entendemos, com essa experiência, que a produção de material didático-pedagógico é um trabalho complexo que demanda ações de vários segmentos (assessores, professores, lideranças, pais, alunos, etc.), mas que é possível de ser realizado com apoio de todos os envolvidos, principalmente das instâncias competentes e responsáveis legalmente.

Dentro desse processo podemos dizer que a participação ativa de todos os seguimentos da comunidade (anciãos, professores, lideranças, etc.) é de suma importância, pois serão eles os responsáveis pelo processo educacional escolar nas comunidades e, conseqüentemente, pelo uso desse material.

Um aspecto que ainda podemos ressaltar é que no desenvolvimento das atividades de formação de professores, além do conteúdo, devemos considerar o desenvolvimento de outras habilidades e valorizar o conhecimento dos cursistas. Nas oficinas, o papel dos professores foi o de mediadores e colaboradores na produção de um saber coletivo, sendo os principais atores do processo.

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, Irandré. (1937) Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007 (Estratégia de Ensino; 5).
- BAKHTIN, M. M. (1952-53/1979) Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN M. M. (1979) Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp. 261-306.
- BOLOGNINI, Carmen Z.; PFEIFFER, Claudia; LAGAZZI, Suzy. (orgs.). Discurso e ensino: práticas de linguagem na escola. Campinas, SP: mercado de Letras, 2009 (Série Discurso e Ensino).
- BRAIT, B. & ROJO, R. Gêneros: artimanhas do texto e do discurso. São Paulo: Escolas Associadas, 2005.
- CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano – arte de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. Da Realidade à ação: reflexões sobre a educação matemática - São Paulo: Summus: Campinas: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1986.
- _____. Educação para uma sociedade em transição. Campinas: Papyrus, 1999.
- _____. A Etnomatemática no processo de construção de uma escola indígena. Em Aberto: Brasília. V. 14, n. 63. Jul./set/. 1994.
- _____. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte – Autêntica, 2001.
- _____. Etnomatemática: Arte ou Técnica de Explicar e Conhecer - São Paulo: Série Fundamentos - Editora Ática, 1990.
- FERREIRA, E. S. A importância do conhecimento indígena nas aulas de matemática. Conferência Interamericana de Educação Matemática. Santiago do Chile, 1996.
- FERREIRA, Marina K. Leal (org.). *Idéias Matemáticas de Povos Culturalmente Distintos*. São Paulo: Global, 2002. - (Série: Antropologia e Educação).
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Povos Indígenas no Brasil - Xavante*. Disponível em <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xavante>. Acessado em 20/01/2011.
- MENEZES, Gilda *et al.* Como usar outras linguagens na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília: MEC, 1998.

_____. Resolução CEB Nº 3, de 10 de novembro de 1999.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e Colaboradores. Gêneros orais e escritos na escola. Trad. e Org. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004. (As faces da lingüística aplicada).

SEREBURÃ XAVANTE *et al.* *Wamrê Za`Ra (nossa palavra) – mito e história do povo Xavante*. Tradução de Paulo Supretaprã Xavante e Jurandir Siridiwê Xavante. Editora SENAC, São Paulo, 1998.

SERRANI, Silvana. Discurso e cultura na aula de língua. Campinas – São Paulo: Pontes, 2005.

SILVA, Adailton Alves da. A Organização Espacial A'uwê-Xavante - um olhar qualitativo para o espaço. Dissertação de Mestrado - Unesp - Rio Claro-SP, 2006.

_____. Relatório Final – Curso de Capacitação dos Professores Xavante de Pimentel Barbosa, Caçula e Tanguro (digitado). UNICEF/ARC, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º Graus. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002.